

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 596	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	15 DE JULHO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



O CORTEJO ALLEGORICO DESFILANDO NA AVENIDA DA LIBERDADE

(Aguarella do Sr. J. R. Christino)



CHRONICA OCCIDENTAL

Cartazes velhos!

Não faltam por essas esquinas cartazes velhos. Elles annunciavam pomposamente, ao lado da imagem do seraphico santo, do famoso thaumaturgo, que d'esta vez não quiz fazer milagres, as coisas extraordinarias que não houve, as que houve e goraram, as que não goraram e antes gorassem, duas ou tres, *rari nantes*, que foram ao fim entre os applausos de todos.

E, como muitos theatros já fecharam e os cartazes continuam a trombetear pelas esquinas, as esquinas estão cheias de cartazes velhos, fallando de coisas que já lá vão, de coisas que não tornam, de coisas que não foram e que elles prometteram, coisas mortas, desillusões.

Cartazes velhos!

Cahi-lhes a chuva em cima e desbotou-os, veio o sol e comeu-lhes a côr; o vento rasgou-os e elles riem pelos rasgões como caveiras; letras fugiram, nomes desapareceram. A's vezes com a brisa da noite, á luz tremula d'um candeeiro, com sombras que lhe passeiam por cima, um bocado de cartaz despedgado diz mysteriosamente adeus.

E' o passado. São degraus que fomos descendo, e em cada um d'elles, lá em baixo, como no fundo de uma cova, brilhou-nos o fogo fatuo d'uma esperança. Agora olhamos para traz e, lá em cima, no mesmo degrão que pisámos, florescem ás vezes saudades, mas raras, rarissimas, afogadas nos espinhos das desillusões.

Os cartazes velhos dizem adeus e nós ao vèl-os, pensamos que, um dia n'essas mesmas esquinas, hão de ser substituidos por outros, tão apparatusos como aquelles, que hão de chamar as nossas attentões para as torradas nunca vistas,—lá está o cavalleiro no seu cavallo branco emplumado no quadro amarello e vermelho,—para os theatros cujas peças se annunciavam em letras d'oiro, talvez para novos centenários, novas festas, dias e dias, viagens baratas para os sitios mais pittorescos, mais bellos, mais concorridos, cujas vistas em oleographias emolduradas os itinerarios, remedios milagrosos, aguas perfumadas para os cabellos que não mais caem, as pilulas da eterna mocidade do Dr. Jenkins obras romanticas em dez volumes, a maravilha das litteraturas, tudo n'uma grande algararra de côres, em berreiros des-harmonicos, que lembram os palhaços á porta das barracas de feira, esforçando a voz rouca, mais alto que o cantar dos bebados, que as malagueñas dos cafés, que as listas apregoadas pelos taberneiros, que todas as expansões dos brodios, acima da desafinação das fanfarras, cornetins, trombones, pratos, tambores, zabumbas:—«Entrem, meus senhores, entrem!... vai começar!...»

Mas sobre elles ha de cair a chuva tambem, o sol ha de comer-lhes as côres, o vento ha de despedaçal-os, e elles hão de rir pelos rasgões como caveiras, quando tudo houver passado, e dizer-nos adeus, com a brisa da noite, misteriosamente, ironicamente.

Ha quasi trinta annos que, cheios de reclamos, por todas as esquinas de Lisboa, cartazes annunciaram uma nova peça.

Era a obra prima das operas comicas de Meil-lac e Halévy. Nunca Offenbach, o grande maestro da alegria, compuzera musica mais viva, de ironia tão scintillante, mais para acompanhar a dança das bolhinhas a subirem n'um copo de champagne. Um poema feito n'uma noite de bom humor, a musica escripta na madrugada seguinte, ás horas em que as cotovias cantam no ar sereno sobre campos de malmequeres orvalhados.

Annunciaram os cartazes a *Grã-Duquesa de Gerolstein* e d'essa vez não mentiram.

Fôra José Carlos dos Santos quem montára a peça, Eduardo Garrido quem a havia traduzido.

Nunca em Portugal se vira comédia tão opulentamente posta em scena nem em traducções mais espirito.

Conservou-se a tradição d'essas primeiras recitas. Ainda hoje, passados tantos annos, a *Grã-Duquesa* parece uma peça nova. O mesmo acolhimento entusiastico, que ella teve entre nós nas primeiras noites, renova-se de cada vez. Conservam-se as tradições do scenario, da forma dos papeis, da marcação com que Santos a ensaiou. E a graça do Garrido tem sempre a mesma mocidade, a mocidade que elle tambem nunca perdeu.

Consta que foi um exito sem precedentes. É que todo o espirito da peça fôra mantido pelo traductor, pelo ensaiador, pelos interpretes do

alegre poema dos dois genias francezes, da musica genial do mais alegre dos musicos.

E ninguém falava em Lisboa senão no General Boum, no Puch, no Barão Grog, no Fritz e sobretudo n'ella, na Grã Duquesa, na Emilia Letroublon, que tão brilhantemente, dizem, fazia esse papel.

O cartaz d'essa vez não mentira.

Mas a doença, um dia, prostrou Emilia Letroublon no leito. Teve de ser substituida. A *Grã Duquesa* continuou nos cartazes e teve centenas e centenas de recitas. A Emilia nunca mais representou.

Uma enfermidade do cerebro apagou-lhe pouco a pouco a memoria e ella começou a viver n'uma obscuridade completa. Ella que fôra tão aclamada, tão querida, tão festejada sempre, antes de cahir no esquecimento de todos, quiz esquecer se de si mesma. Mudou-se lhe o rosto, enfraqueceram-se lhe as faces, a fronte enrugou-se-lhe, a bocca descahiu-lhe, o corpo tornou-se obeso. Os cabellos loiros, o melhor diadema da sua mocidade, cahiram-lhe, transformaram-se-lhe n'umas farrapos esvoaçando muito brancas. O pensamento apagou-se-lhe nos olhos.

No fundo d'aquelle cerebro amollecido alguma coisa havia de viver, memoria confusa, ennuveada, de triumphos passados, prazeres loucos, alegrias intensas, tanto mais quanto foram curtas.

E agora que ella morreu, os jornaes, como já o fizera Julio Machado n'aquelle seu livro tão alegre *Os Theatros de Lisboa*, vieram todos contar as chronicas galantes da Letroublon, as mil aventuras em que tomou parte, a furia dos empregarios, os apaixonados que teve, as doideces que inspirou. Descreveram os cabellos d'essa formosa mulher, cuja luz chamou tantas borboletas, que na teia perfumada prenderam e quebraram as azas, os olhos que eram um poema luminoso, cantando, em estrophes mentirosas, ternuras e esperanças, o seu sorriso, que uns até chamam gaiato, e que tinha ainda mais luz de que os seus olhos côr do céu, do que os seus cabellos côr do sol.

Mas, quando metteram a velhinha no caixão, debalde esperaram pelos antigos apaixonados, e raros actores acompanharam ao cemiterio a infeliz collega.

Cartazes velhos!

E, se pensarmos um bocadinho, em quantos cartazes luzidos, com letras côr de aurora, dia a dia, desde pequeninos até ha meia duzia de horas a querermos sondar o que ha de vir, não escrevemos as aventuras futuras, os sonhos fantasticos dos nossos corações! Rasgou-os, a esses tambem, a ventania, e logo os substituímos por outros ainda mais pomposos. N'um delirio de letras scintillantes annunciámos para nós mesmos extraordinarios jogos malabares, em que nos viriam cahir nas mãos, com uma certeza de arlequins, as cornucopias, da fortuna, os diademas da gloria, as rosas dos amores!

Collámos uns sobre os outros e esquecemo nos dos primeiros.

Um dia, porém, um quasi nada, uma data, um som fugitivo de musica velha, um perfume de mulher que passa, um cantinho de paizagem, um primeiro dia de primavera, um aroma de fructa nova, vem acordar a lembrança, fazer-nos reviver, n'uma saudade, d'um sonho que fugiu.

É como o velho frasco de Baudelaire esquecido no armario negro e poeirento, onde

*Mille pensers dormaient, chrysalides funèbres,
Frémissant doucement dans les lourdes ténèbres,
Qui dégagent leur aile et prennent leur essor,
Teintés d'azur, glacés de rose, lamés d'or.*

Começa a dança dos espectros. Ao som de musicas olvidadas, os sonhos mortos dão um baile fantastico, entre brumas, na luz da memoria, mais mais suave que a luz do luar. São fosforescencias lacteas, indecisas, a esfumarem-se nas trevas, formas ligeiras, subtilezas, como só feitas de perfumes; teem sorrisos melancolicos e lagrimas nos olhos. Vão passando, passando, em longa fileira, como nadando nas ondas do ar que vibram ao compasso das velhas valsas d'outros tempos; surgem das trevas, brilham mansamente, como um reflexo do arco iris n'um lago, e tornam a mergulhar nas trevas, ante os olhos saudosos, pasmados de tantos sonhos, sonhos que se vestem com as tunicas brancas dos espectros.

Ha sonhos que é preciso arrancar do coração, porque tomam o logar dos outros que temos de sonhar, porque sonhar é viver. Rasguemos as memorias d'elles e, se alguma vez, remexendo em velhos papeis, encontrarmos o motivo dos sonhos que passaram, lancemos ao vento as lembranças, porque sonhámos mentiras e temos mil outras para sonhar.

E o pequenino papel contendo a frase creadora das nossas fantasias, e que vai volteando pelo espaço, como a dizer adeus, talvez ainda uma vez nos recorde tudo o que esteve para ser, tudo o que não foi.

Cartazes velhos!... Cartazes velhos!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

O CORTEJO ALEGORICO

O cortejo allegorico era, porventura, um dos numeros do programma das festas antoninas a que se attribuia uma maior importancia, não só por effectivamente ser o mais interessante como por apresentar uma relativa originalidade.

Por isso, foi no meio de uma concorrência verdadeiramente extraordinaria, que o cortejo percorreu as ruas da cidade baixa. Era grande o itinerario e todavia o cortejo fel-o rapidamente, pois que, ia tão rapido que em alguns sitios, apesar da sua grandeza, pouco mais de cinco minutos levava a passar.

Foi essa, quasi, correria que tirou ao cortejo toda a sua imponência. De resto os elementos eram magnificos, e como vamos dizer se verá a sua composição apresentar uma certa grandeza.

Abria o cortejo um piquete de cavallaria da guarda municipal e por sua ordem:

A charanga de lanceiros.

Cavalgada da idade media.

O carro da Religião, executado segundo o projecto do sr. Bigaglia.

Via-se n'elle uma grande figura representando a Religião amparando a Cruz.

No centro do carro ia a thiara, as armas pontificaes, anjos, etc.

A figura foi executada pelo sr. Ianz e bem como a cruz imitava ser feita de marfim.

Precediam este carro figuras allusivas: virgens, martyres e outras. Seguia-se o carro das Virtudes projectado pelo sr. Vaz. A sua ornamentação era um docel, ao centro, todo franjado a ouro sustentado por quatro varas.

Debaixo do docel ia uma columna sobre a qual assentava um emblema formado por uma cruz, uma ancora e alguns ramos de palma dourados.

Nos angulos viam-se quatro anjos e em volta do carro columnatas com açucenas. Em volta do docel tambem havia flores.

O carro da Arte tinha duas figuras collossaes uma sentada e outra, a Venus de Milo. A primeira imitava bronze e a segunda marmore.

De resto a ornamentação era simples.

Todos estes carros eram ladeados por figuras allegoricas o que tornava interessante o aspecto geral, mas nem sempre havia congruencia historica entre as vestimentas.

Seguia-se o carro da Sciencia, que comquanto bem disposto não nos deu a impressão de magestade que apresentava o que figurou no centenário do Marquez de Pombal.

Acompanhavam este carro varios personagens allegoricos como astrologos, alchimicos, etc.

O carro da Imprensa em que se via ao centro um prelo primitivo, na frente do qual, um anjo coroava Guttemberg.

Seguia este carro, uma grande cavalgada á epoca de Santo Antonio.

O carro da Agricultura era um dos mais bonitos. Em volta do carro cestos vindimos, de dentro dos quaes sahiam espigas, ramos de oliveira, papoulas, hera, etc. Em volta do estrado do carro cobrejões e mantas alemtejanas apanhadas e maçarcas de milho.

Dispersos sobre o carro utensilios de lavoura e ao centro uma figura representando Fauno.

Este carro era ladeado por agricultores allegoricos.

O carro da Pesca igualmente acompanhado por pescadores.

Seguiam-se os carros da Industria e o da Marinha tendo sido este executado e ornamentado no arsenal sob a direcção dos distinctos officiaes de marinha Hypacio de Brion e Moraes e Sousa.

Era um galeão cujo casco de lona pintado de vermelho estava encanastrado com cordas de cairo, tendo nos intervallos do xadrez, rosetas e pinhas feitas de cabo de linho, trabalho primoroso de marinheiros.

O corrimão fingindo pau d'amora, era de cairo

com pinhas de ananaz e de anel alcatroadas e brancas. A' prôa do galeão uma lanterna e trophes formados por lemes, remos, croques e forquetas, encimados por um escudo com as armas portuguezas. Este escudo, que é em madeira, apresenta magnifica obra de talha.

Completava a ornamentação da popa dois croques e uma lança chinesa, duas bandeiras nacionaes e duas figuras imitando marmore que representavam a Africa oriental e occidental.

Ao centro do galeão, e sobre quatro ancoras douradas, ia o modelo da nau *Nossa Senhora do Bom Sucesso* que se conserva em exposição na sala do risco do arsenal. A nau semelha navegar a todo o panno.

Seguia este carro a charanga da armada e uma força de marinheiros.

O carro das Colonias tinha umas figuras e allegorias que não eram bem caracteristicas.

O carro da camara municipal de Lisboa, era severo e grave, sendo todavia muito inferior ao que se apresentou no prestito civico do marquez de Pombal.

Sobre um throno, nu de ornamentação, ia a figura da cidade. Por detraz d'ella pendia de um alto e delgado mastro a bandeira da cidade.

Tinha imponencia, porém era severo demais.

Acompanhava este carro uma força de bombeiros municipaes.

Seguiam-se tres carros ornamentados na fabrica de armas debaixo da direcção do sr. tenente coronel de artilheria Boddallo Pinheiro, lente da escola do exercito.

Podemos descrever esses carros da forma seguinte, accrescentando que havia requintado gosto e subida arte na sua execução :

1.º carro — Na frente era ornamentado com antigos instrumentos musicos e bellicos, tendo ao centro uma caixa de guerra. Ao alto achava-se montada n'um reparo uma pequena peça de artilheria deixada pelos hespanhoes em Portugal por occasião da independencia do reino, em 1640; dois pequenos obuzes montados em coronhas, duas pilastras, etc. Erguia-se pois uma columna quadrada, guarnecida nos quatro angulos com espingardas de forquilhas que serviam para fazer fogo em fortalezas, alabardas, estandartes, etc. Nas faces lateraes mostravam-se duas palmas de pontas de espadas e de sabres, machados, capacetes que faziam parte das antigas armaduras, pistolas, etc.

Na face da frente via-se uma corôa real, obra de muito gosto e arte, composta de capsulas, balas de chumbo, guarnições de espadas e de floretes de musicos. Na face opposta um palmo de espada e ainda outras armas. Seguiu-se montado em uma pilastra um bacamarte.

Encimava este carro um grupo de estandartes de cavallaria, patrasanas, alabardas, destacando-se do centro uma bandeira regimental que figurava por ser a mais nova e em melhor uso que existia no museu d'artilheria, e que pertenceu ao extinto regimento de caçadores n.º 9 revolucionado no Porto, em 1891.

Este carro alludia o ter Santo Antonio acompanhado o regimento de Lagos que ganhou a batalha de Montes Claros. Nesta occasião foi Santo Antonio promovido a alferes.

2.º carro — Era em fórma de leque composto de carabinas com os respectivos sabres, lanças e espadas. No fundo do leque via-se duas peças de artilheria, diversos projecteis, dragonas, etc. Na frente, entre duas bandeiras, nacionaes, mostrava-se um habito de Torre e Espada, em ponto grande, composto de folhas de florete, cartuxos de revolver Abbadie e capsulas. Os lados eram guarnecidos com estribos, arreios, tambores, cornetas, pás, machados, etc.

As rodas eram guarnecidas com dragonas.

Este carro relembra o ter sido Santo Antonio promovido a tenente coronel e condecorado com a Torre e Espada.

3.º carro — Composto de partes de antigas armaduras, de soldados e de cavallos, algumas com altos relevos importantes, escudos patrazanas chucos, espadas, béstas (flexa) acha de armas, etc. Dentro levava tres figuras allegoricas empunhando estandartes e espadas.

Este carro representava a idade média.

Como se vê, eram, pois, notaveis e de seguro effeito os elementos que apresentava o cortejo allegorico.

Infelizmente uma precipitação imperdoavel fez com que o cortejo não tivesse aquella gravidade cuja falta tanto o desvirtuou e não permittiu fazer-se d'elle um tão brilhante numero dos festejos antoninos como seria para desejar.

O ARRAIAL DO TERREIRO DO PAÇO E OUTRAS ILLUMINAÇÕES

Inaugurou-se no dia de S. João este arraial. Foi de todas as illuminações a que apresentou maior brilhantismo especialmente na noite de 25 em que tinha uma extraordinaria profusão de luzes.

Os lustres de mil luzes de côres variegadas que pendiam das arcadas tornavam o espectáculo verdadeiramente phantastico.

O conjunto de toda a illuminação foi o mais surprehendente que se pôde imaginar pelo que, repetimos, de todas as illuminações foi esta a mais notavel.

Junto á estatua equestre havia-se construido uma enorme barraca na qual as damas da nossa alta sociedade vendiam sortes. Aos lados havia quatro coretos, sendo dois bastante amplos.

Na base d'estes ultimos estavam construidas outras duas barracas, destinadas, uma á venda de flores, etc., e outra á de refrescos.

Em algumas noites queimou-se lindissimo fogo de artificio, no ar, e das cimalthas dos edificios que contornam a praça queimou-se fogos de bengala que produziram magnifico effeito.

A nossa gravura representa o arraial visto do lado do Tejo. Na noite em que se tirou o desenho, que apresentamos, os lustres das arcadas não poderam accender por causa do vento, pelo que em volta da grandiosa praça se collocaram repetidos renques de lindissimos balões venezianos que não só pela novidade, n'aquella noite, como tambem pela profusão de luz e côres se tornou distincto e agradável.

Muitas mais foram as illuminações e de algumas ruas apresentamos as que mais se salientaram.

As nossas gravuras dão melhor ideia do que a descripção de que possamos acompanhá-las.

A rua da Prata estava original com as suas arvores de luz, porém a rua Augusta com o seu tunel em angulo e sem globos apresentava maior brilhantismo. A rua do Ouro tinha dois grandes arcos principaes bastante vistosos.

A rua do Almada estava elegante, porém o declive da rua oppunha-se a uma boa perspectiva.

Esta rua n'uma das ultimas noites tirou os globos pelo que tinha então uma outra diffusão luminosa, que os globos não permittiam, do que resultou maior apparato e brilhantismo.

UMA PORTA DE CONSTANTINOPLA

A maioria dos viajantes que tem descripto Constantinopla apresentam esta cidade como a mais pittoresca do mundo.

E' grande o numero de obras litterarias em que se trata detidamente das bellezas da antiga cidade.

Apresentando aos nossos leitores a porta de Constantinopla temos ensejo para dizer algumas palavras ácerca da historia de Constantinopla.

O primitivo nome d'esta cidade foi o de *Bizancia* e a sua fundação deve remontar a 667 antes de Christo, sendo geralmente attribuida aos megarios e aos argos.

Pescadores e commerciantes, mas sem nenhum caracter guerreiro, os byzancios foram dominados pelos successivos occupadores da Grecia.

Dario I, rei dos persas, passando por ella, entrou nas republicas de Sparta e Athenas.

Então, Byzancia, em 358, tornou-se independente e tomou logar entre os Estados marittimos.

Em 340, Philippe de Macedonia, cercou-a e a eloquencia de Demosthenes, levando os athenienses ás armas, fez com que Philippe levantasse o cerco.

A alliança de Byzancia com os romanos permittiu-lhe ser livre durante algum tempo; mas depois sob o dominio do imperador Claudio foi submettida.

Septimo Severo, para a punir do apoio que dera a Pescenio Niger, arrazou-a em 193 da era christã.

Reconstruida no tempo de Caracalla, so, todavia, poude reconquistar o seu esplendor sob o dominio de Constantino que lhe deu o seu nome, em 325, e fez d'ella a nova capital do imperio romano.

Este principe atrahiu para alli, pelos grandes privilegios que concedia, uma enorme população e ornou a celebre cidade com ricos despojos da Grecia e da propria Roma.

Seguiu-se uma dilatada época em que as inclinações religiosas dos seus habitantes deram origens a repetidas revoluções.

Constantinopla foi cercada varias vezes, pelos persas, arabes, avaros, bulgaros e russos.

Em 1203 foi tomada pelos guerreiros da quarta cruzada, que pela segunda vez a guardaram e alli fundaram o imperio latino.

Miguel Paleologo, imperador de Niceia, retomou-a em 1261, até que os turcos, apôz trez cercos, a assaltaram em 1453 e alli fixaram a sede do seu imperio.

Desde Pedro o grande que os russos lançam os olhos cubiçosos para esta cidade que lhes asseguraria uma notavel preponderancia nos negocios da Europa.

Foi devido á persistencia de tal politica n'este assumpto que, em 1854, se armaram contra a Russia, a França e a Inglaterra interessadas em manter a integridade do imperio ottomano. A queda de Sebastopol e o tratado de Paris procrastinaram para tempos vindouros a realisação dos planos moscovitas na Turquia.

Que bellas lições, nos dá a historia! O que se deve pois, esperar da actual alliança franco-russa?

E' uma interrogação a que só poderá responder a propria historia.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

VIII

RETIRADAS — WELLINGTON, MASSENA

Soava tremendo, por toda a Inglaterra, o clamor anti-bellico, e, se a prudencia aconselhava ao chefe illustre das forças alliadas que «desse tempo ao tempo» — o amor proprio offendido, porem, o impellia a combater, quanto antes, e sem olhar ás respectivas condições. Insistindo no systema cauteloso que a prudencia lhe segredava, tinha, até certo ponto, a certeza de ver, mais tarde, seus esforços coroados de feliz exito; mas estava tambem convencido, que, no entretanto, suas intenções viriam sendo falsamente interpretadas, e a sua reputação militar, vilipendiada. Suppondo que lhe fosse dado ganhar outra batalha, — e as probabilidades, em caso de experiencia, pareciam ser a seu favor, — «a victoria viria impôr silencio aos seus detractores e antagonistas inglezes e portuguezes e collocar-o-hia em posição de poder impôr aos ministros sua vontade, em tudo quanto dizia respeito ás medidas de guerra, em vez de sustentar lucta incessante contra a pusillanimidade e as indecisões dos mesmos.»

O tempo veio justificar o tino e a abstenção de Wellington. — As doencas dizimavam as fileiras dos francezes, e viam estes, de dia para dia, os viveres a escasseiar. Ia lavrando a desordem por todo o exercito invasor; os chefes não se entendiam; a conspiração urdida no intuito de collocar Gouvion Saint Cyr á frente do exercito de Hespanha não diminuira de intensidade, e Massena via que, afinal, não tinha outro remedio senão retirar.

Com quatro caminhos á escolha, o principe de Essling optou pelo que seguia a direcção do valle do Mondégo.

Passando o rio, podia marchar sobre o Porto, atravez um paiz em parte ainda não de todo exausto, aonde encontraria recursos para a manutenção do seu exercito; tomando, porém, pela margem esquerda do rio, ficavam-lhe, na recta-guarda, a cidade da Guarda, e Almeida. A adopção do itinerario por qualquer das margens do Mondégo apresentava, porém, seus contras. Dada a posição que o seu corpo de exercito agora occupava, tinha de executar movimento de flanco pela direita, para alcançar a linha de retirada; e sobrecarregado, qual se achava, com 10.000 enfermos e feridos, além de toda a *impedimenta* do exercito, a difficuldade era de véras séria.

Com habilidade rara foi tratando de remover para a recta-guarda bagagens e ambulancias dirigindo-as para Thomar; e, apparentando socego e confiança, manteve a frente em boa ordem, como quem não tencionava retirar, e apenas mudar de posição, passando para lá do Zezere. Neste comeno, habil manobra do corpo ás ordens de Ney, cujas forças vinham concentrar-se proximo a Leiria, dava a suppôr que se propunha a marchar contra Torres Vedras, e isto concorria a augmentar a perplexidade de Lord Wellington. Tractou de inutilisar todo o municiamento que não tinha meio de levar consigo, e mandou encravar a artilheria a que faltassem mueres, deixando para traz e a quatro dias de marcha todo o trem desnecessario.

A defeza dos doentes e feridos foi confiada á cavallaria de reserva, a qual seguida pelo oitavo corpo de exercito, rompeu a marcha. O sexto, a

cavallaria ligeira, e o melhor da artilheria constituíam a importante rectaguarda.

No dia 12, o sexto corpo, e mais a cavallaria de Montbrun, retirou de Pombal e foi occupar posição forte no extremo de um desfiladeiro, appoian-do a direita n'uma deveza nas margens do rio

cresciam as dificuldades. Com o flanco ameaçado por Erskine, e Picton alojado em uns oiteiros arborizados, sobranceiros á sua esquerda, o duque de Elchingen manteve firme a posição, escaramuçou, repellido-a, com a 3.^a divisão; e com tal destreza logrou dissimular o effectivo verdadeiro

tanto os seus planos, — e, em vez de passar o Mondego, retirou pela Ponte da Murcella.

Devido a este movimento, manifestou aqui Wellington, a par de Ney, seus elevados dotes militares — e o primeiro, advinhando, com percepção instantanea, os planos de seu contrario, des-

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



AS ILLUMINAÇÕES — O ARRAIAL NO TERREIRO DO PAÇO

(Desenho do sr. J. R. Christino)

Soure, e prolongando a esquerda por um terreno que se eleva acima da margem do rio que corre na Redinha. Ficava-lhe a villa na rectaguarda.

Lord Wellington dispozera o ataque com mão de mestre — mas encontrava na sua frente, Ney, soldado intrepido e experimentado, como poucos, cujo arrojo e energia resistiam a todas as provas, e que mais se elevava sempre, quanto mais

das suas forças, que Wellington, hesitando, poz o ataque até que lhe chegaram tropas auxiliares.

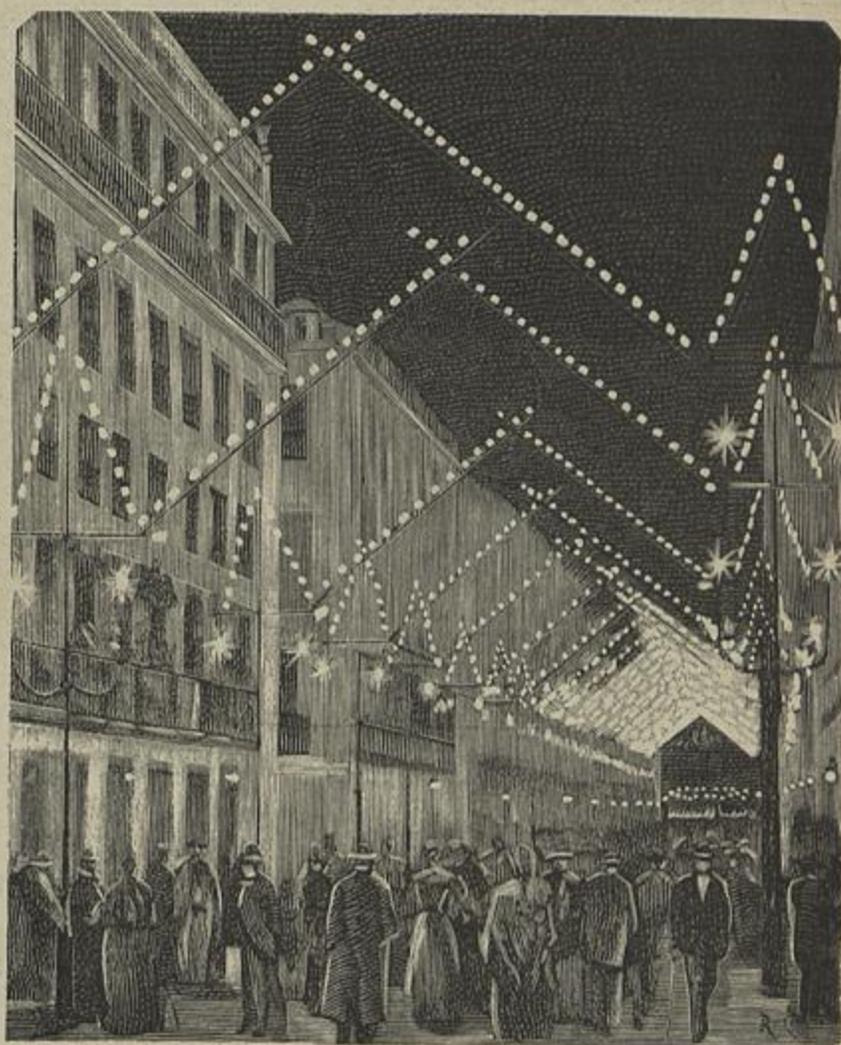
Soube-se, a 13, que Massena assentára posição e suppunham todos que estava á espera de ser requerido a campo. Como porém lhe tivessem chegado noticias exaggeradas a respeito das forças que Trant mantinha em Coimbra, alterou algum

tacou a 3.^a divisão pelos altos da serra de Ancião, afim de tornear a ala esquerda de Massena. Confiados na absoluta segurança da posição, qual não foi o espanto dos francezes, quando divisaram pela esquerda, a serpentejar, lá ao longe, na rectaguarda, as columnas vermelhas dos inglezes, ao longo da serra, valendo-se da qual, tinham até então encuberto a sua marcha.

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



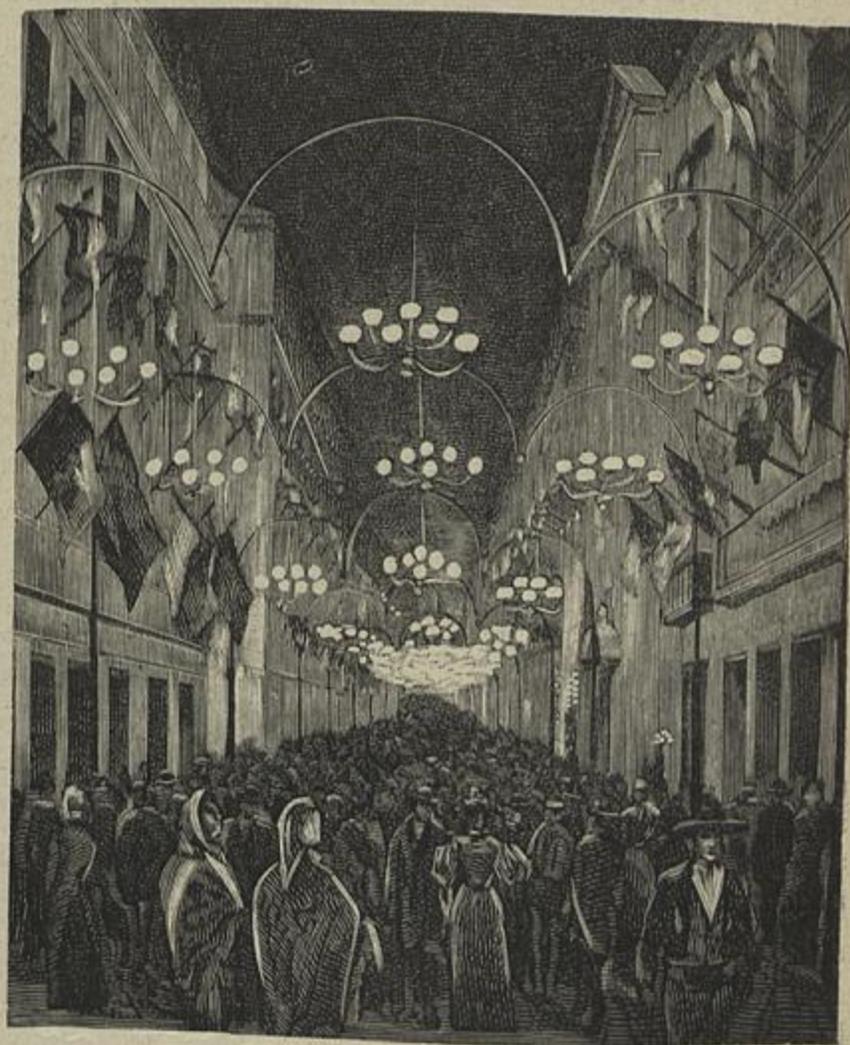
RUA AUREA



RUA AUGUSTA



RUA BELLA DA RAINHA



RUA NOVA DO ALMADA

AS ILLUMINAÇÕES

(Desenhos do Sr. J. R. Christino)

O marechal Ney, apesar da surpresa, procedeu com a costumada decisão. — Levantando arraias sem mais demora, a cuberto da fumarada do tiroteio, que mantivera em Condeixa, de proposito a esconder suas manobras, e valendo-se dos obstáculos, que, por meio de abatizes e estacadas creára aos perseguidores, o marechal chegou ao cagal novo, acossado de perto pela fuzilaria dos atiradores inglezes. Massena escapara, por um triz, de cair prisioneiro na Fonte Cuberta; corria o boato que se livrara, devido a ter arrancado as plumas do chapéu, e atravessado a todo o galope por entre um esquadrão de ligeiros.

Não intento seguir, em todos seus tramites, a definitiva sahida de Massena do territorio portuguez, porque me não propuz escrever a historia completa da campanha, mas sim apontar, por meio de exemplos apropriados, os respectivos effeitos de certos predicados e deficiencias militares em qualquer general. Que a retirada do principe de Essling ficou celebre como documento de consummada pericia, quem haverá que o conteste? — mas a proficiencia militar de que deu provas o generalissimo do exercito anglo-luso, no acto de o perseguir, foram de mestre exímio na arte da guerra. Exercito algum marchando em retirada encontrara jámais terreno que melhores condições lhe facultasse, e nenhum também se vira ainda tão habilmente impedido de aproveitar taes condições. Emquanto que, por assim dizer, a cada légua que trilhava, o principe de Essling ia encontrando outras tantas posições de inquestionavel força, quasi que não teve tempo de occupar uma unica; Wellington apparecia logo a tornear lhe o flanco, obrigando-o a abandonal-a, incontinentemente, — e eis ahí como com a sciencia, (e sem queimar um cartuxo só que fosse) conseguiu aquillo que um chefe menos habil só lograria conseguir, sacrificando muitas vidas.

Incalculaveis vantagens resultaram de tão curta, quanto brilhante campanha; vantagens que foram, aliás, assás prejudicadas pelo desleal procedimento dos governantes de Portugal, ¹ Emquanto que Lord Wellington, mediante as suas admiraveis operações militares, conseguia, de modo terminante, afirmar o quanto era superior áquelle que Napoleão cognominára «o filho mimosa da victoria» — os felizes resultados da sua magistral pericia iam produzindo effeito moral importantissimo. Estavam salvas Coimbra e a Beira Alta; e conseguira, pois, escapar ás incursões do implacavel inimigo uma grande cidade e uma importante provincia do reino, que se furtavam ás servicias d'esses que, mandando adiante o terror, iam deixando no rastro a devastação e a ruina.

As admiraveis operações que, de parte a parte, distinguem as retiradas de Wellington e de Massena, provam, terminantemente, que as circunstancias adversas são como que a pedra de toque para o talento militar.

Acossado de perto pelo inimigo que pretende chamal o a terreno, se um general consegue, durante prolongada marcha, esquivar-se tenaz e habilmente, ao combate, e levar a bom recado o exercito do seu commando... é, de veras, general.

Spectator.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 591)

XII

ARCHIVO DA IMPRENSA NACIONAL

No archivo da Imprensa Nacional acham-se guardados tres manuscriptos, recolhidos do convento da Madre de Deus, em Xabregas, por ordem do ministerio do reino, graças á intervenção do sr. Pires de Lima.

O convento da Madre de Deus possuia grande numero de manuscriptos illuminados dos quaes, hoje só se conhecem os de que vamos fallar.

Livro de Horas, que «foi da rainha dona Iuonor». É um volume em oitavo, tendo 158 folhas de finissimo pergaminho escripto com bem lançados

caracteres gothicos em desenove linhas cada pagina.

São muito delicadas as suas tarjas, as letras iniciaes e capitaes a claro-escuro, em tom acinzentado, sobre ouro.

As letras iniciaes são a ouro e circundadas de graciosos arabescos a traço preto.

Entre as estampas algumas ha verdadeiramente formosas, todavia faltam umas seis, outras tantas quantas as que ainda restam e que representam a *Visitação*, a *Annunciação do nascimento de Jesus aos pastores*, a *Circumcissão* estampa esta, que apresenta uma realidade maior do que aquella que seria possível suspeitar existir n'um livro de Horas para uso de uma tão nobre dama. Ha ainda a que representa a *Degollação dos innocentes*, a *do Juizo Final* e uma ultima, que tem por assumpto uma missa de defunctos.

Pelo desenho e colorido supõe-se que este manuscripto seja trabalho dos fins dos seculos xv.

Dona Leonor, mulher de D. João III foi quem fundou o convento da Madre de Deus, e assim se encontra na parte posterior e interior da pasta do rosto do livro a nota acima, escripta com letra do seculo xvii e assignada por fr. Luis de Sant'Iago.

Vida de S.ª Barbara, manuscripto em papel com 170 folhas, formato oitavo, com capa de pergaminho e dourado por folhas.

Esta obra, que julhamos inedita é dedicada á *Madre Soror Bernardina da Transfiguração. Abadessa do Insigne Mosteiro da Madre de Deus. De Lisboa.*

Escripto em portuguez, com boa letra, conserva-se este manuscripto n'um inaudito bom estado de conservação, apezar de ser obra acabada: «*oje 3 de dezembro de 1583*».

A folha 6, de muito bom pergaminho, é constituída por dois quadros representando uns passos da vida da Sancta.

Esta illuminaura pouco vale pois que é d'uma factura inferior.

Horas, pequeno livrinho, talvez formato trinta e dois, de mais de duzentas folhas de fino pergaminho.

Escreto com bem lançados caracteres variados semi-germanicos, as suas capitaes e iniciaes são delicadas.

As tarjas representando flores, fructos e varios animaes, aves mamiferos e insectos são de factura um tanto grosseira.

As pequenas estampas apezar de um desenho, nimiamente, pouco correcto são todavia muito acceptaveis.

Pertenceu também á rainha D. Leonor.

Faltam a este livro mais de vinte folhas e parece que muitas estampas.

XIII

BIBLIOTHECAS DE EVORA E MAFRA

Na bibliotheca de Evora, a bibliotheca portugueza mais rica em manuscriptos, guardam-se muitos d'elles que são bem illuminados. Não os vimos e é do catalogo começado a publicar em 1850 pelo erudito Cunha Rivára e continuado por Mattos, que respigámos as seguintes indicações:

Biblia Sacra latina. Menciona o catalogo sete exemplares tendo todos elles iniciaes coloridas e floreadas. Alcançam do seculo xiii ao xv.

Psalterios latinos, quatro igualmente illuminados.

Biblia Castelhana. 2 exemplares em pergaminho, letra do seculo xiv, e varios desenhos representando alguns passos da Biblia. Estão muitas miniaturas por acabar.

Uma destas biblias esteve na exposição retrospectiva de arte ornamental e ahí a vimos. Os seus desenhos são incorrectos e grosseiramente coloridos.

Ividencia-se grande atraso, pelo menos por parte do artista, tanto que, se não fora a letra facilmente a teriamos julgado obra do seculo xi ou xii.

Biblia Francesa. Codice de 300 folhas de pergaminho a duas columnas. Seculo xv. Iniciaes coloridas e floreadas. No principio de cada livro uma vinheta com figuras toscas coloridas e douradas. Numerado com algarismos indianos.

Livro de linhaçes antigas do Conde D. Pedro.

Manuscripto em pergaminho, ricamente encadernado, iniciaes e aparos dourados.

Nobiliario attribuido a Alvaro Ferreira de Vera contem uma collecção de arvóres de costados com brazões illuminados.

Ha muitos outros livros n'este genero na bibliotheca de Evora.

Carta de armas dos Cavalcante e Manelli dada pelo Duque de Florença Cosme II.

Certidão extrahidas em 1653 do livro 1 dos diplomas do Duque de Etruria no archivo publico de Florença.

É pergaminho com illuminauras. **Concordantio bibliarum.** Pergaminho, letra do seculo xv ou anterior, encadernado em taboa coberta de camuça com vestigios de chapas (de prata?) iniciaes coloridas e floreadas.

Ammonii Alexandrini Canon, 300 folhas de pergaminho, letra do seculo xv. Iniciaes coloridas e desenhadas com muita nitidez. Ricas tarjas com miniaturas em que se espalham profusamente as armas e divisas dos Rochefort. Numerado com algarismos indianos.

A collecção de *lvros de Horas* compõem se de dez, todos illuminados e alguns ricamente.

O que esteve na exposição era delicadamente illuminado; cada pagina do calendario está marcada com o signo respectivo na forma de uma pequena moeda dourada.

Sentimentos de Lysia, escripto por Diniz Nunes Tinoco, 1688.

Poema, original. Letra primorosa que imita a de typographia. Desenhos e tarjas á penna.

Ha na bibliotheca de Mafra:

1.º Livros manuscriptos em pergaminho fino, in 8.º — letra allemã — encadernação moderna — todos elles abrem pelo calendario — todas as iniciaes são ornatadas e douradas e o dourado é polido — as tarjas e as margens das folhas apresentam flores illuminadas a cores diversas e com reflexos metallicos — os capitulos abrem com desenhos muito correctos representando scenas da N. Senhora, ou passagens da Biblia; as figuras e accessorios são illuminados e dourados; é muito fina a côr azul nos vestidos da Virgem — É notavel a delicadeza nos traços dos desenhos e a finura das illuminauras.

São muito recentes os titulos que se escreveram nos livros: — *officium defunctorum*, 1 — *psalmi et orationes*, 3 — *officium Beatae Mariae Virginis*, 1 — *heures devotes*, 2 — *heures chretiennes*.

2.º — «Em um d'estes ultimos, lê-se no principio, com os mesmos antigos caracteres e illuminauras:

«Livre de bonne grace nouvellement compilé por li proufict des almes chretiennes par Religieux Agnes Archembault d'Andouille de l'Ordre Monseigneur Saint Benoist en le Monastère d'Auxg, dite li Moilines, l'an du Sauveur du Monde ke lon escrivoit li miliaire & katre chens & chinckante.

«Moult Noble, Valoureux, et Redoubté Chevalier Pierr Sire Boufflers Campigneull e ke Dieu garde moultes annees.»

— Os outros livros não teem declaração alguma, mas a forma, os caracteres, os desenhos azues etc. provam ser da mesma época e até do mesmo autor.

São escriptos em latim».

(Continúa.)

ESTEVES PEREIRA.

SÉ DE LISBOÁ

(Continuado do numero anterior)

Era este senhor chamado D. Pedro Affonso, e tinha o mesmo nome proprio de seu irmão o celebre conde D. Pedro do *Nobiliario*. Foi sepultado na capella de Santa Izabel d'esta mesma sé, onde Faria, citado por D. Antonio Caetano de Souza, lhe viu o epitaphio.

A dureza dos tempos, as guerras e despezas obrigadas, não deram porém ensejo á conclusão das obras; e n'isto se estava, quando adoeceu D. João I em Alcochete, em agosto de 1433, e conhecendo a morte, desejou que o trouxessem a Lisboa, e se foi apositar nos zeus paços da Alcaçova; d'ahi mandou que o levassem á capella-mór da sé, e o pozessem com grande ceremonial defronte do altar de S. Vicente, que ainda então era alli. Ouviu missa solemne; e pensando lhe que essa mesma capella-mór, já aliás começada a restaurar por sua ordem, não estivesse concluida, temeu-se de que os seus successores não a levassem a cabo. Mandou portanto buscar logo ouro amoadado, avaliou-se o custo da conclusão, e foi entregue a quantia necessaria ao védor com recommendação de não levantar mão da empresa. D'ahi foi a Nossa Senhora da Escada, de-

¹ Não encontro expressões assás fortes, que estigmatizem conforme o merecem os actos indecorosos da regencia. Valia-se esta de pretextos, qual d'elles mais futil, para desculpar seu condemnavel, quanto inaudito desleixo. — De igual modo indifferente, tanto ás privações que impunha aos seus soldados, como a quantas não tentava poupar aos aliados, allegava escassez de combustível, em paz tão abundante em pluheiras! Semelhante pretexto lhe servia para deixar morrer á mingua os primeiros — e, quando os reforços de tropas auxiliares desembarcavam no Tejo, para ahí ficavam, no meio das ruas de Lisboa, sem lhes darem de comer, nem ao menos uma enxerga em que dormissem.

Nota do A.

¹ Estes apontamentos devo-os á dedicacão do ex.º Sr. Joaquim da Conceição Gomes, cavalheiro que muito tem trabalhado para a conservação do Convento de Mafra.

² Azenheiro, *Chron. de D. João I.*

pois tornou-se para o castello, e poucas horas depois, em 14 de agosto, falleceu¹.

Da visita do antigo mestre de Aviz á cathedral concluiu, que nunca o destroço haveria sido tamanho, que empecesse o culto, visto ainda se podia dizer Missa solemne na capella-mór.

Foi por então, creio, fundado no que diz Ruy de Pina², que se collocaram na capella-mór, do lado do Evangelho, um ao pé do outro, os tumulos d'el-rei D. Affonso IV e de rainha D. Brites, e no lado fronteiro o altar de S. Vicente, cujas reliquias se achavam na sé desde 1175. Essa disposição dos altares e dos tumulos conservou-se até ao terremoto grande do seculo xviii. Assim os viu, por exemplo³ Philippe II na sua viagem a Lisboa em 1610³.

Aquelles dois mausoleos eram interessantissimos; infelizmente ficaram reduzidos a nada em 1755. O que apenas consta é terem sido arcos de pedra, sobre as quaes jaziam os vultos dos dois soberanos.

Conservou-nos a *Miscellanea* a medida da estatua de D. Affonso: tinha doze palmos de comprimento; e a da rainha quasi tanto⁴. Em 1610 viam-se intactos os dois tumulos; menciona-os J. B. Lavanha; elles ambos do lado direito, e do lado esquerdo o corpo de S. Vicente⁵.

O terremoto de 1755 arruinou muito mais que estes mausoleos reaes tão só. Deitou abaixo a torre do relógio, e outros fragmentos do sumptuoso edificio; e depois sobreveio o incendio, que lambou tudo que pôde, capellas e officinas, paramentos e casas interiores, ficando apenas illesa a imagem de Nossa Senhora a Grande, sem que as chammas se lhe atravessassem com os vestidos⁶. Horrivel destroço! e mais horrivel ainda para um pobre desgraçado, que lá esteve algures sepultado sete dias, antes que o possedes desentulhar!!⁷. Episodio que lembra os de Casamicciola em 1883.

Ficou o templo annos em pasmosissima confusão, até que pela sua carta regia de 27 de abril de 1767⁸ determinou el-rei D. José tomar providencias serias no assumpto. Caíra o zimbório, torre, ou miradouro immenso, a que me referi lá em cima; caíra quasi toda a torre do relógio (a do sul, da banda do Tejo), e o incendio alluira e devorara quasi tudo quanto podia devorar. Que triste quadro!

Fizeram-se planos de reconstrução, e foi encarregado da direcção das obras o principal D. Luiz da Camara. Transcreve Villela no capitulo V da sua Memoria a carta d'el-rei D. José ao patriarcha de Lisboa, dando-lhe officialmente parte das obras, e pedindo lhe a sua cooperação.

Passaram doze annos. Entendeu a rainha D. Maria I, que não estavam decentemente os ossos dos dois soberanos meio sumidos entre escombros, e deu ordem para que se depositassem em logar conveniente.

Procedeu-se á exhumação; acharam-se estalados e calcinados do fogo os dois sarcophagos; tinham porém escapado os atalides, em que estavam os ossos reaes⁹.

Conta Villela minuciosamente o que então se fez, e a precissão com que foram levados, ao som do *Miserere* para a capella de Nossa Senhora da Tocha, em 2 de fevereiro de 1779.

Alli estiveram, até que em 30 de novembro de 1781 foram por ultimo levados aos novos mausoleos, onde ainda hoje estão. Villela traz o termo da trasladação, e as pessoas que assistiram¹⁰, o que por brevidade omitto.

Mencionarei agora uma das joias mais notaveis do edificio: os restos do claustro, magnifico outrora, hoje escandalosamente deturpado, obstruido, estragado por todos os modos imaginaveis! É grande lastima que assim seja, porque, pelos fragmentos que existem, bem se rastreia o esplendor antigo do conjuncto: em baixo uma arcaria ogival preciosa; e por cima uns restos de galeria com columnatas romanicas de volta inteira, muito caracteristicas.

Em mosteiros, abbdias, e cathedraes, foi sempre o claustro peça importante, que mereceu os maiores cuidados a fundadores e architectos. E' visivelmente o claustro a adaptação do *impluvium* da casa romana aos usos christãos. Comtudo, entre o *impluvium* e o claustro ha notavel differen-

ça, que o sabio Viollet-le-Duc nos assignala no artigo *Cloître* do seu tantas vezes citado dictionario; o que escapa ás observações archeologicas é a transição de uma para a outra construcção.

A differença entre ambas consiste em que no *impluvium* as columnas que formam as arcadas assentam directamente no solo, deixando transitar das galerias para o pateo ou área central atravez de qualquer dos intercolumnios; ao passo que no claustro os pilares ou columnas assentam empre n'um sócco, ou base continua, que separa do pateo a galeria, e só se interrompe em raras aberturas symetricas para a passagem.

Na sé de Lisboa foi o claustro (tudo o está demonstrando) um primoroso conjuncto, cheio de harmonia e magestade; e bem digno da admiração de nossos maiores o imaginamos, quando pelo seu lado do poente o limitasse a formosa abside do templo, quando pelos lados do norte e do sul corressem inteiras e intactas as galerias, e quando sobre as do lado do nascente campeassem as ogivas e columnellos do paço bispal. Tudo isso hoje é um cahos, que só com muito trabalho e perseverança pôde o visitante perceber.

O recinto do centro era ainda ha quinze annos uma especie de quintal, com umas couves e uma grande figueira. Hoje vê-se atravancado com uma edificacção moderna que alli fez o cabido; um caracol impossivel, que serve de thesouro, e de camara onde os conegos se revestem; uma miseravel barraca estucada e caiada, que está mesmo a pedir demolição.

O chão da parte ainda livre subiu uns dois metros acima do nivel das duas arcadas que ainda se vêem, sobrepostas da galeria que lhes formava andar superior praticavel em volta. Não admira que subisse aquelle nivel; o entulho do terremoto foi muito. Ainda se vê a uma banda um pé direito, talvez do seculo passado, assente sobre um dos gigantes, e que era principio de alguma obra nova muito anachronica.

As arcarias ogivales bi-partidas do que resta do claustro velho são do estylo mais puro (não do mais rico) do seculo xiv. Recobriram-n'as não sei quando, mas ha muito tempo, com pedra e cal, afogando os columnellos, sumindo-os, como se fossem uma torpeza. E' um pudor, que chega a dar vontade de rir.

Por acaso, ha poucos annos uma picareta desnudou um pedaço de capitel; o meu veneravel amigo, e bom guia, o sr. conego Cabral, deão interino, mandou proceder ao cuidadoso trabalho de despir por metade algumas d'aquellas graciosas arcarias, e por felicidade lá as podemos todos ver em parte, e estudar. Mas faltou o dinheiro, o governo não o deu, porque tem de gastar-o em eleições e outras coisas assim, e o claustro ficou a dizer aos estrangeiros:

— Para que é vir aqui? não sabem que Portugal timbra em parecer um prologo da Africa?

Quanto á fundação de tão notavel trecho do grande poema da nossa cathedral, diz-se geralmente que pertence ao heroe do Salado. Quanto a mim, pôde pertencer a este soberano a sua conclusão; mas o seu principio deve talvez attribuir-se a el-rei D. Diniz. Para isso me firmo eu: 1.º na cruz floreteada da ordem de Christo, que se vê na chave do cruzamento dos artesões n'uma das primeiras arcarias do anglo nordeste; 2.º na existencia da lapide de Pero Martins, relativa ao anno de 1314, e onde se falla positivamente na *crasta* da sé; 3.º na existencia da capella do topo do segundo lanço do claustro, fundada em dias d'el-rei D. Diniz; e 4.º finalmente: na muita semelhança entre o desenho geral d'este claustro, e o chamado do Silencio, ou de D. Diniz, no mosteiro de Alcobaca.

Este ultimo é composto de arcos (a descripção é do sr. Vilhena Barbosa) cada um dos quaes se divide em tres arcos pequenos, ogivales, que sustentam o timpano, ou bandeira, do arco grande, que lhes serve de auxilio. No meio do timpano, ou bandeira, que é de cantaria lisa, abre-se um olhal redondo, formado de diversas molduras que o vão diminuindo até encailharem uma renda de pedra, a modo de estrella, atravez de cujos raios passa a luz. Os tres arcos pequenos são sustentados por columnas duplicadas, isto é, duas de cada lado. Nos arcos das extremidades de cada lanço, ou galeria, assentam as quatro columnas centraes sobre umas pequenas bases, que poizam no chão, de maneira que deixam os tres arcos livres como porticos para darem entrada para o terreiro, que foi jardim, em volta do qual correm as mesmas galerias. A os artesões servem de estribo misulas, que resaltam das paredes interiores e dos pilares que dividem as arcadas¹.

Ora se a semelhança no traçado pôde (e pôde

de certo) dar-nos indicios quanto á fundação, tiremos do desenho do claustro da sé de Lisboa, que é em tudo conforme com o desenho do claustro de D. Diniz em Alcobaca.

(Continúa).

JULIO DE CASTILHO.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Concluido do n.º 585)

CONCLUSÃO

Depois d'esta primeira entrevista, Estevam todos os dias ia passar algumas horas á casa do Palmeirão. Queria D. Florencia que elle se instalasse na sua companhia, visto que nenhum dos Pimentas era vivo para reclamar os seus sentimentos de familia. Estevam recusou, allegando a estima que professava á pobre gente que o educara, e á qual queria retribuir liberalmente o carinho com que tinham adoçado a sua lenta orphanidade. Esta razão que elle deu, não era extremamente exacta; a verdade era que elle ainda não podia vêr sem exquisita commoção, os lindos olhos azues de Rosalia, custando-lhe a convencer-se de que aquella encantadora creatura a quem elle sagrara as mais ardentes chymeras da sua juventude, era simplesmente, e nada mais podia ser do que sua irmã.

Entanto, passados os primeiros momentos de excitação, fez-se uma amorosa tranquillidade no seu espirito.

Um dia, Rosalia quiz conhecer a familia do sacristão, a quem o rapaz tão affectuosos cuidados devia; e D. Florencia, arrastada pela sobrinha, accompanhou-a lá, uma tarde, guiadas por Estevam.

José Elias, prevenido, fez paramentar toda a familia, de gala. O encontro foi muito affavel; e como a idade aproximasse, naturalmente, Rosalia e Clarinha, em uma conversa especial, que Estevam debalde procurou interromper mais de uma vez, uma singular amizade estabeleceu-se entre as duas raparigas e, ao separarem-se, combinaram logo outros encontros. O ar senhoril e delicadas maneiras que a filha de José Elias usava sem affectação, maravilhavam Rosalia; e attrahiu-a, sobretudo, a vaga melancolia que no seu rosto pallido, de convalescente, parecia transluzir.

Dos repetidos encontros, já no Palmeirão, já no muro divisorio dos dois quintaes, resultou a confidencia soluçada de Clara, acerca da sua adiantada gravidez, que Estevam parecia ter esquecido.

Esta revelação impressionou violentamente Rosalia. Cotejando as datas, não lhe restou duvida de que o rapaz, emquanto a inebriava com as effusões do seu pretendido amor, representava diante de aquella pobre Clarinha, a repugnante comedia da sua sachieade dissimulada. Pois quê?... Esse rapaz, que um successo inesperado acabava de denunciar seu irmão, era um miseravel cynico, capaz d'aquelle atroz enredo? Como o julgaria? Seria apenas uma infamia premeditada?

N'esta dolorosa hesitação se debatia o espirito da rapariga, quando, certo dia, uma casual ausencia de D. Florencia, a deixou só com o rapaz em uma das salas do Palmeirão. Aproveitou o ensejo. Delicadamente, quasi timidamente, começou a exprobar-lhe a deslealdade do seu procedimento para com a filha do sacristão; a desgraça d'aquella linda rapariga, cujo espirito tão elevado e bondoso, merecia a sua compaixão e o seu amor; e por fim, lembrou-lhe como a sua propria alma ficaria satisfeita e a sua vida, alegre, se elle cumprisse o dever que tal facto lhe impunha.

Estevam, a principio, não escondeu a indignação que transpirava do enleio causado pelas palavras da irmã, suppondo que ella se fazia instrumento de uma feminina vaidade de Clara, a quem devia ser agradavel o casamento com um rapaz rico. Mas desvanecida esta primeira impressão as palavras de Rosalia foram-se insinuando, pouco a pouco, na sua alma; lembrou-lhe que além da culpa que reclamava reparação, era uma ingratição revoltante premiar os disvelos com que essa pobre familia guiara os seus primeiros annos, desgraçando-lhe o principal objecto da sua ternura.

Dilatou-se por mais de uma hora, o combate; Rosalia sahio vencedora.

Apagada aquella allucinante paixão, que Rosalia lhe inspirara, com a descoberta do seu parentesco, porque não remediaría Estevam esse ver-

¹ Chron. D. João I. Acenheiro.

² Apud Mon. Lusit., part. vii, liv. vii, cap. 9. e liv. x, cap. 22, n.º 3.

³ Lavanha, Viagem de D. Philippe, fl. 34 v.

⁴ Dial. ii.

⁵ Viagem de D. Philippe fl. 34 v.

⁶ Consulte-se a *Hist. gen.*, t. i, pag. 280, citando a *Europa portugueza*, part. ii, cap. 2.º, fl. 149.

⁷ Moreira de Mendonça, pag. 127.

⁸ Id. pag. 123.

⁹ Citado por Fernandes Thomaz no *Reportorio*.

¹⁰ Villela, *Memoria*, cap. x.

¹¹ Cap. xi.

¹ *Archivo Pittoresco*, t. ix, pag. 43.

gonhoso pormenor da sua vida? Clarinha era formosa, carinhosa, d'uma docilidade infantil... Porque não associaria á sua existencia, essa doce creatura, que, mesmo depois de sacrificada e desprezada, não cessára de ama-lo?...

Resolveu effectuar o seu casamento, logo que lhe fosse dada a posse da herança José Elias, ao saber-o, ia desmatando de felicidade; a sr.^a Domingas, esquecendo os antigos escrupulos, encheu a casa de festivas exclamações; só Clarinha com os olhos fitos no rapaz, nada dissera; mas viram na oscillar um instante e cahir desamparadamente nos braços do pae que corraera a sustel a.

Depois d'isto, as negociações do conego Pestana com D. Florencia tomaram um desenvolvimento definitivo; e um dia, Rosalia perguntada se accetava Silvestre para marido, festejou aquella interrogação com o abraço mais reconhecido que até então tinha estreitado os ossos de D. Florencia.

Realisaram-se no mesmo dia ambos os casamentos, que o tio de Silvestre solemnemente abençoou.

O nascimento prematuro do filho de Clara quasi a ninguem maravilhou, porque a historia d'aquelle matrimonio não era inteiramente desconhecida.



Recebemos e agradecemos :

O Livro da Paz por Magalhães Lima Antiga casa Bertrand, José Bastos.—Lisboa.

Desde muito que este apreciavel livro está sobre a nossa carteira. Não quizemos fallar d'elle sem que o lêssemos todo.

Desdobrando-se na explanação do immenso ideal da união de todos os povos da humanidade, o livro tem uma contextura agradável e apresenta o estado dos movimentos sociaes iniciados.

Alguns capitulos tem originalidade como o do exercito productor, outros altissima importancia pela annunciação dos progressos pacificos e seus auctores.

É trabalho util para todos os que quizerem achar-se á altura do movimento social.

A Magalhães Lima agradecemos a amabilidade da sua dedicatória e felicitamos vivamente por mais este seu importante trabalho cuja orientação

Minha?... e deixei-a? l e vim?!
Parti e vim sósinho
Deixando-a no seu ninho
Em lagrimas por mim?
Ai se devéras... Ai! se minha fôra
Já eu deixava assim
Aquella creancinha encantadora!

Pae d'infinito amor
Não fosse embora minha
Era o amparo qu'eu no mundo tinha
Ampara-a tu, Senhor.»

Casa Pia (1780 1895) Noticia da sua fundação pelo provedor Francisco Simões Margiochi. Lisboa. Typographia portuense. 1895.

N'este folheto esboçou facilmente o digno provedor a historia, fins e organização actual do importante estabelecimento que dirige.

E' um trabalho util e que muito convem attenta a necessidade que havia de compilar os dados historicos que com referencia áquella instituição se tem conhecido.

Para quem necessite elucidar-se não só na historia mas nos meios de que dispõe e a fórma como se dirige a Casa Pia é valioso o trabalho que apontamos.

Ao illustre e incansavel provedor, o nosso ami-



UMA PORTA DE CONSTANTINOPLA

da. De resto, em phenomenos d'aquella natureza, quando o marido não se admira e fica sereno, como Estevam ficou, ninguem mais tem o direito de affectar surpresa. Era esta, a philosophia do conego que quiz, por força, apadrinhar o pequeno, só para lhe transmittir no baptismo, o seu nome historico de Godofredo, em que tinha secreta vaidade.

Estevam mandou renovar a casinha humilde do José Elias, por este não permittir mais importantes alterações; comprou a peso d'ouro todas as propriedades confinantes, e depois de transformar tudo aquillo n'uma pittoresca quinta de recreio, fez presente d'ella a seu sogro, que parecia idiota, no meio d'aquella imprevisada existencia de millionario.

Como as duas familias se encontram frequentemente, o conego Pestana muitas vezes arrastava José Elias á discussão dos seus eternos problemas agricolas.

Mas, certo dia, o ecclesiastico interrompeu-se, de repente, e exclamou:

— Oh José Elias! E aquella carta que você descobriu no altar de S. José, lembra-se?

— Ai, se lembro! E o que o senhor conego me ralhou por causa d'ella!...

Riram ambos, áquella evocação; mas nunca nenhum d'elles suspeitou que o auctor da carta estivesse ali, ao seu lado, a ouvir as tramoias que o tinham, um dia, ludibriado.

subida é realçada pela grandeza do assumpto que o inspirou.

Cartas do outro mundo por Francisco Palha.—Lisboa, 1895.

Por gentil offerta do ex.^{mo} sr. João Smith recebemos esta publicação posthuma do chorado escriptor. E' prefaciado este trabalho por outro excriptor notavel e a quem nos ligam mil recordações saudosas — Pinheiro Chagas.

Dos versos de Francisco Palha que dirêmos? Que têm passos lindissimos como este em que elle roga a Deus pela creança que lhe foi amparo nos ultimos momentos. E' a prece mais sentida que coração humano tem desferido:

«Pae d'infinito amor
Aquella creancinha
Unico amparo qu'eu no mundo tinha
Ampara-a tu, senhor!
E' tua só, qual era
quando, por ser o amparo qu'eu tivera
Cuidára qu'era minha.

Cabia em meu poder
Sabia por ventura
Inviolavel tornar o fragil ser
D'aquella innocentinha creatura?
Minha? Porque? Pois houve um só momento
Um só!... sem eu temer
Que fosse arrebatam'a um dia o vento?!

go sr. Francisco Simões Margiochi agradecemos a sua offerta.

Os syndicatos em acção ou o caso da herança Barata Salgueiro.

N'este folheto apresenta o distincto advogado dr. Lopes Vieira, com a mais notavel clareza, toda a historia d'este caso e succintamente deduz com a mais verdadeira logica a justiça da causa que defende. E' mais uma prova do seu talento já bastante conhecido.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está no prelo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras. Recebem-se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente. Ha um resto do almanach de 1895 que se vende. Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37